

## INTERDIÇÕES ÀS MULHERES IRANIANAS NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL: DE *OFFSIDE* A *BLUE GIRL*

### **Francielle Pereira Santos**

*Mestra em Educação Física pela Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF - MG, franpereiras@email.com;*

### **Mariana Cristina Borges Novais**

*Doutoranda em Educação Física pela Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF - MG, maribnovais@hotmail.com;*

### **Juliana de Andrade Vitral**

*Graduanda em Educação Física pela Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF - MG, juliana.vitral@gmail.com;*

### **Ludmila Mourão**

*Professora Orientadora Doutora em Educação Física pela Universidade Gama Filho - RJ, mouraoln@gmail.com*

## **Resumo**

Por todo o mundo ao longo da história, estão presentes proibições inculcadas às mulheres, seja de forma legal ou apenas discursiva, no que tange à sua liberdade de acesso e ocupação de determinados espaços. No Irã, as mulheres foram impedidas de assistirem a partidas de futebol nos estádio por cerca de 40 anos, porém, não significa que não o fizessem mediante estratégias de resistência tomadas por elas, mesmo diante dos riscos, como o famoso caso da ativista conhecida como *Blue Girl*. O filme *Offside* relata o cenário exposto e possibilita análises profícuas sobre as relações de poder estabelecidas no terreno esportivo, sobretudo no futebol. O estudo tem por objetivo

discutir sobre as interdições e os modos de (não) participação das mulheres iranianas em estádios de futebol. Os materiais de análise foram o filme *Offside* aliado a fontes documentais, como notícias e produções acadêmicas, tratados sob os preceitos da Análise de Conteúdo. Os resultados elucidam os modos de resistências das mulheres diante das proibições e apontam um crescente fortalecimento de movimentos feministas que vêm possibilitando a gradativa subversão da matriz cisheteronormativa dentro do esporte que, enquanto fenômeno sociocultural, reverbera nos mais diversos âmbitos em que se transcorrem as relações sociais e de gênero.

**Palavras-chave:** Mulheres, Torcer, Futebol, Feminismo, Gênero.

## Introdução

A pandemia de COVID-19 tem desvelado as desigualdades latentes (ESTRELA et al, 2020) que se instauram na sociedade de modo interseccional: se manifestam e perpassam marcadores culturais e sociais de diferenças - como classe, gênero, sexualidade e raça - de forma articulada (DORNELLES; POCAHY, 2014). Dados da ONU Mulheres (2020) apontam efeitos devastadores para mulheres e meninas indicando a possibilidade de regressão nas conquistas envolvendo direitos das mulheres e equidade de gênero (BARBOSA et al, 2020). O aumento significativo nos índices de violência contra mulheres e meninas neste período explicita a necessidade de atenção para as problemáticas que envolvem as questões de gêneros nos mais variados processos. Isso inclui reconhecer as várias formas de opressão feminina e suas vulnerabilidades agregadas através de uma lente ampliada e historicizada, para então empreender análises como as propostas no presente trabalho, que se fundamentam em pressupostos feministas e pós-estruturalistas (BENTO, 2011; AGUILAR, GONÇALVES, 2017).

Problemas como o da violência, dos direitos civis, reprodutivos e, portanto, sobre o próprio corpo são ainda presentes na vida da maioria das mulheres. Escrita há algumas décadas, mas carregada de atualidade, a passagem abaixo nos provoca a pensarmos sobre isso:

Imagine viver em um mundo onde não há dominação, em que mulheres e homens não são parecidos nem mesmo sempre iguais, mas que a noção de mutualidade é o *ethos* que determina nossa interação. Imagine viver em um mundo onde todos nós podemos ser quem somos, um mundo de paz e possibilidades. (HOOKS, 2020, p.15)

É isso, em essência, que o movimento feminista almeja: “acabar com sexismo, exploração sexista e opressão” (HOOKS, 2020, p.13). Entretanto, nossos corpos se encontram ainda engendrados em relações sociais de poder, que os formam e conformam, tornando-os inteligíveis culturalmente a partir de processos de subjetivação sutis, contínuos e fluidos. Discursos de gênero operam performativamente por meio de normas e padrões que naturalizam determinados comportamentos e expressões de feminilidades e masculinidades

“adequadas” e “permitidas” culturalmente (BUTLER, 2000), como o que vestir, o que dizer e como o fazer, onde ir, qual esporte praticar e/ou como se divertir.

Frequentar os estádios de futebol enquanto torcedoras<sup>1</sup>, por exemplo, é uma possibilidade de divertimento cada vez mais comum entre as mulheres (COSTA, 2007). Segundo a mesma autora, “A mulher como-ser-que-torce vem se configurando em um perfil feminino cada vez mais comum, perfil que se manifesta por diferentes meios que vão desde as arquibancadas até os espaços virtuais da Internet” (COSTA, 2007, p. 1). Porém, é possível identificar uma gama de obstáculos colocados à inserção e principalmente à legitimação das mulheres em um espaço considerado como homosocial (KNIJNIK, 2010) e onde o que se preconiza no ato de torcer são os “atributos masculinos de potência, virilidade” (TOLEDO, 1996, p. 55) através dos gestos, rituais e vocabulário.

Essa temática foi pauta de um filme dirigido pelo iraniano Jafar Panahi. *Offside* (traduzido para o português como “Fora do Jogo”) trata da proibição imputada às mulheres do Irã de acompanhar partidas de futebol in loco desde a assinatura de um decreto no ano de 1981 (MARRA, 2017). Por meio da história de um grupo de mulheres detido ao tentar entrar no estádio em que ocorria jogo decisivo entre Irã e Bahrain, pelas eliminatórias da Copa do Mundo 2006, o filme ilustra a ação do fundamentalismo religioso que é legitimizado pela legislação iraniana (HOODFAR; SADR, 2019). Não obstante, a produção revela também que à época elas já empreendiam estratégias de resistência na medida em se disfarçavam de homens<sup>2</sup> para conseguir o acesso aos estádios de futebol mesmo diante dos riscos conhecidos, como um julgamento criminal e a possibilidade de prisão, a exemplo do que ocorreu com a ativista Sahar Khodayari, que ficou mundialmente

1 O termo teve origem no início do século XX quando mulheres já frequentavam estádios no Brasil e levavam lenços para saudar os jogadores. Ao longo da partida, mediante as aflições provocadas pela mesma, elas acabavam torcendo esses lenços como forma de manifestarem suas emoções sem proferir gritos e xingamentos. (HOLLANDA, 2008)

2 Embora possa parecer uma afirmação estereotipada, o fato é que no Irã as mulheres não podem circular em espaços públicos vestindo roupas que mostrem suas curvas e são obrigadas a cobrir os cabelos. Então, uma vez vestidas com trajes tidos na cultura em questão como próprio do gênero masculino e despidas de hijab (o tradicional “véu”) configura-se a condição de “disfarce” mencionada.

conhecida como *Blue Girl* por vestir azul, cor do Esteghlal F.C., time pelo qual torcia e um dos mais populares do país.

Em março de 2019, após quase 40 anos de proibição, *Blue Girl* foi detida por autoridades ao tentar entrar no estádio Azadi para assistir a uma partida e acabou presa; diante da possibilidade de condenação à prisão por um período de seis a 24 meses mesmo após pagamento de fiança, Sahar ateou fogo a seu corpo e faleceu aos 29 anos (OBSERVATÓRIO, 2019). O suicídio da jovem teve repercussão internacional, e frente a forte atuação de ativistas, a Federação Internacional de Futebol (FIFA) pressionou o Irã para que permitisse o acesso de mulheres aos estádios e, com ameaça de suspensão da seleção masculina do Irã da Copa do Mundo (O TEMPO, 2019), conseguiram o fim da proibição.

Diante do exposto, temos por objetivo discutir sobre as interdições e os modos de (não) participação das mulheres iranianas em estádios de futebol.

## Métodos

O estudo é de natureza qualitativa, que consiste na adoção de estratégias de investigação que valorizam os pormenores descritivos em relação a pessoas, locais e conversas, com atenção aos fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural (TRIVIÑOS, 1987).

Os materiais de análise foram o filme *Offside* e fontes documentais, como notícias e produções acadêmicas, tratados sob os preceitos da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977) e da descrição da experiência estética das imagens (GUMBRECHT, 2006).

## Resultados e discussão

Pensemos sobre a assertiva que evoca algumas das ideias imputadas ao “modo adequado de ser mulher” no Brasil conservador de meados do século XIX, principalmente pelo discurso médico da época, os cerceamentos à ampla participação delas “em alguns ambientes sociais, dentre eles o esportivo, uma vez que eram criadas para serem esposas e mães” (GOELLNER, 2005, p. 88). Nessa esteira, operando como significante das corporalidades das mulheres emerge também o

discurso<sup>3</sup> religioso, de forma ainda mais explícita em territórios como o iraniano (MÜLLER; SILVA, 2018).

É possível que identifiquemos na contemporaneidade diversas trajetórias e narrativas de mulheres com satisfatório grau de agência (ORTNER, 2006) e que são também produtoras de resistências em diversos âmbitos, incluindo o futebol, extrapolando o terreno da prática do desporto e ocupando posições antes inacessíveis como treinadoras, árbitras e gestoras ainda que de modo não equânime quando comparadas aos homens (NOVAIS et al., 2021). A ocupação das arquibancadas, na posição de torcedoras é também uma realidade que desvela resistências empreendidas por elas e apontam para o que Costa (2007, p. 1) chamou de “um sensível desgaste na idéia de que ‘futebol é coisa de homem’, pois é muito difícil repetir essa sentença sem vê-la contestada pelo razoável número de mulheres que atuam como profissionais, ou que fazem do futebol um lazer para os seus momentos de folga”.

Entretanto, analisar as conquistas em solo brasileiro não equivale em determinados aspectos às análises pertinentes ao solo iraniano. O Irã passou por uma revolução em 1979, que almejou projetá-lo enquanto um novo poder desafiante, independente e não alinhado, no cenário internacional. Esta foi uma revolução de independência e de defesa da identidade nacional frente ao processo globalizador promovido pelas grandes potências (SANTO; BALDASSO, 2017).

Um dos símbolos identitários da nação iraniana é a religião oficial do país que desde o século XVI é o Islã. A República Islâmica é constituída por uma coalizão de líderes religiosos fundamentalistas que ascenderam ao poder e recusam tanto a democracia, quanto a premissa de igualdade entre homens e mulheres, ambas consideradas contrárias à sua leitura da escritura divina (HOODFAR; SADR, 2019). Na prática a doutrina religiosa foi incorporada a um Estado historicamente poderoso, centralizado e autoritário, para assegurar uma visão conservadora da ‘boa sociedade muçulmana’ que conserva autoridade moral especialmente em relação às questões ‘privadas’ da família, do casamento e dos papéis ‘apropriados’ para as muçulmanas. Dentre as medidas imputadas, encontra-se a obrigação por usar determinadas

---

3 Demarcamos nesse ponto que as análises aqui empreendidas são perpassadas pelo conceito Foucaultiano de discurso (FOUCAULT, 1985).

vestimentas e o controle de sua circulação em dado espaço público. Oriundo dessas premissas, em 1981 foi assinado um decreto que proibia as mulheres de assistirem jogos de futebol nos estádios, e é sobre as interdições e os modos de (não) participação delas nesse tipo de espaço que focalizamos nossas lentes.

O filme *Offside*, trata da tentativa de entrada de mulheres em um estádio mesmo com a referida proibição em vigor e essa produção fílmica foi tomada nesse estudo como um símbolo das interdições imputadas às iranianas durante anos e também como um dispositivo que evoca questões a serem analisadas sobre os modos de (não) participação delas nos estádios de futebol. Quando o pai de uma das jovens protagonistas descobre que sua filha foi ao estádio, se diz preocupado com sua segurança e sai à sua procura; a filha e suas amigas se vestiram com roupas restritas aos homens no Irã e assim conseguiram entrar no estádio para assistirem ao jogo. Diante de um breve relato acerca de *Offside*, e partindo do pressuposto de que “as imagens apresentam-se como potentes dispositivos de subjetivação, sendo, portanto, um meio pelo qual são instaurados processos em que os sujeitos se constituem e constituem formas de pensar, agir e sentir” (MOURÃO et al, 2019) se tornam eminentes os questionamentos: que discursos ainda sustentavam a ideia de proibição?; por que o tipo de vestimenta possibilitou a entrada dela no estádio?; por que há preocupação com a segurança da mulher nesse tipo de espaço?.

À luz de uma epistemologia feminista (RAGO, 1998) e dos estudos culturais e de gênero, tentamos responder às questões considerando como principal fator desencadeador o sistema dotado de um conjunto de regras que se articulam em prol da manutenção da cisheteronormatividade. Esse termo designa o emaranhado de discursos que perpassam e interpelam as noções de gênero e sexualidade, sempre buscando estabelecer “como natural certa coerência entre sexo (nasceu macho, nasceu fêmea), gênero (tornou-se homem, tornou-se mulher) e orientação sexual (se é um homem, irá manifestar interesse afetivo e sexual por mulheres, e vice-versa)” (SEFFNER, 2013, p. 150).

A escolha por trabalhar o gênero enquanto categoria analítica baseia-se no entendimento de que o esporte é uma construção cultural à qual se agregam discursos, valores e práticas que acabam marcando representações de feminilidades e masculinidades que definem, também, posições sociais conforme acontece no Irã (GOELLNER; KESSLER, 2018). As representações de feminilidade rígidas sustentadas no

conceito heteronormativo e os discursos sobre o que é ou não “papel de mulher” nessa sociedade estão imbricados nas oportunidades de acesso das mulheres a determinados ambientes como os estádios de futebol.

Acerca da atmosfera a que está envolto um jogo de futebol, e que no filme é justificativa para tentar manter as mulheres afastadas de lá “para sua própria segurança”, evocamos as ideias de Damo (2006, p. 1) que buscou “mostrar [...] a maneira como o jogo se presta para dramatizar determinados códigos éticos e estéticos associados ao masculino e ao feminino” e constatou que o o futebol pode ser considerado um jogo culturalmente definido como masculino e masculinizante, na maior parte dos territórios. Na dimensão simbólica desse jogo não se valoriza somente a habilidade, mas também a coragem e a virilidade. Muitas vezes, notamos que esses atributos são confundidos com agressividade, xingamentos, proferimento de palavras ofensivas e violência; ou seja, oposto ao que se discursa em relação a atributos de uma feminilidade aceita socialmente.

Sadeghi (2010) afirma que três discursos de gênero competem no Irã pós-revolucionário, com resultados e prescrições diferentes para as mulheres iranianas. O primeiro se trata do discurso fundamentalista, que rege a república islâmica e opera de forma a legitimizar e perpetuar sua políticas discriminatórias. Outros dois discursos antagônicos ao fundamentalismo, sofrem uma crise de representação: um deles é o que Sadeghi (2010) chama de revisionismo/intelectualismo religioso, representativo das demandas de mulheres religiosas de classe média, que busca, dentro da esfera legislativa, brechas que permitam desafiar as leituras ortodoxas e conservadoras da Sharia (leis islâmicas); o outro, de caráter reformista, entretanto, aponta que os impedimentos para a igualdade de gênero são fortemente relacionados à natureza das relações políticas de poder, que, por sua vez, se baseiam na instrumentalização da Sharia para perpetuar a desigualdade em todos os níveis.

Assim, os discursos que atravessam as mulheres (no caso específico deste trabalho, as mulheres iranianas) e seus corpos realizaram e realizam concepções que gestam sentidos dos mais diversos assujeitando-as a identidades estanques. Contudo, é preciso desnudar o binarismo que, concebido por tais discursos (seja o do colonizador europeu ou do fundamentalista

religioso) como “natural”, identifica o feminino como aquilo que está para ser conduzido, dominado e protegido, invariavelmente a serviço de um poder que busca subjugar e dominar. Tal desvelamento do binarismo evidencia que, na verdade, “onde há poder, há resistência” (FOUCAULT, 1985, p. 91) e os corpos designados como femininos são também agenciadores de poder e produtores de resistências. (MÜLLER; SILVA, 2018, p. 71)

Desse modo, algumas mulheres buscavam espaços políticos pra desafiar não somente discriminação de gênero, mas outras formas de opressão baseadas em etnia e classe. Isso se apresentou na forma de um movimento reformista que levou a um tipo de marginalização do revisionismo religioso. Com o declínio dos discursos islâmico e reformista, feministas seculares tentaram desafiar os contextos discriminatórios, obtendo inicialmente relativo sucesso em suas campanhas, porém, o feminismo secular se tornou cada vez mais um feminismo liberal das classes altas, não sendo atrativo para a maioria das mulheres iranianas, que não o consideram adequado em suas formas de ação. Tendo em vista que as mesmas são falhas na cooptação das demandas da maioria das mulheres iranianas, estas resistem, então, na escala individual ou se aproveitam de oportunidades políticas que permitam que se rebelem coletivamente contra situações discriminatórias.

O filme aponta para um tipo de estratégia de resistência frente a uma dessas situações, que é a de, ao menos, se fazerem presentes no ambiente então proibido e assistirem ao jogo. A produção fílmica data de 2006, mas a manobra adotada pelas garotas perdurou enquanto se fez vigente a proibição no país e entre o início de 2018 e Outubro de 2019, pelo menos 40 mulheres foram presas e algumas delas, processadas, por tentarem entrar em estádios de futebol (AMNESTY INTERNATIONAL, 2019).

Tal situação ganhou destaque internacional em setembro de 2019, devido ao incidente envolvendo Sahar Khodayari, conhecida como *Blue Girl*. Em março de 2019, desafiando a proibição de acesso de mulheres a estádios de futebol, Khodayari, então com 29 anos, se vestiu com trajes tipicamente masculinos na tentativa de assistir uma partida que seu time, Esteghlal, disputava pela Copa da Ásia. Ao ser descoberta pela guarda do estádio, foi detida e levada para a prisão

Shahr-e Rey<sup>4</sup>, antes de ser liberada sob pagamento de fiança dois dias depois (AMNESTY INTERNATIONAL, 2019). *Blue Girl* foi levada a julgamento pelo Tribunal Revolucionário Islâmico de Teerã em 2 setembro de 2019 por sua tentativa de burlar a proibição de presença feminina nos estádios e acusada por insulto às autoridades e ato pecaminoso ao não utilizar o hijab. Ao descobrir que poderia ser condenada a seis meses de prisão, despejou gasolina sobre seu próprio corpo e se autoimolou. Internada com queimaduras em 90% do corpo, veio a óbito uma semana depois, período durante o qual foi anunciada sua condenação (AMNESTY INTERNATIONAL, 2019).

Sabemos que o discurso religioso na região ocupa papel de destaque, embora alheia ao território Ocidental, sob o qual Michel Foucault concentrou suas análises sobre governamentalidade e biopoder (FOUCAULT, 2008), cabe analisarmos o suicídio da jovem à luz desses conceitos. A governamentalidade diz sobre a linha de força que visa o governo sobre os demais, buscando a manutenção de uma suposta soberania através do disciplinamento requerendo, portanto, o desenvolvimento de uma gama de aparelhos específicos (onde podemos encaixar a religião) e também ao desenvolvimento de saberes (tal qual os significados e representações de gênero) (CASTELO BRANCO, 2015). Nessa seara, desnuda-se pois, a contradição também alertada pelo filósofo acerca dos objetivos e razão de ser do Estado se o mesmo passou a eliminar sua própria população:

Como um poder como este pode matar, se é verdade que se trata essencialmente de aumentar a vida, de prolongar sua duração, de multiplicar suas possibilidades, de desviar seus acidentes, ou então de compensar suas deficiências? Como, nessas condições, e possível, para um poder político, matar, reclamar a morte, pedir a morte, mandar matar, dar a ordem de matar, expor à morte não só seus inimigos mas mesmo seus próprios cidadãos? Como esse poder que tem essencialmente o objetivo de fazer viver pode deixar morrer? (FOUCAULT, 1999)

4 A prisão Shahr-e Rey opera nas localidades de uma antiga fazenda de criação de galinhas e comporta centenas de mulheres condenadas por crimes violentos em condições de superlotação e anti-higiênicas.

Após a morte de *Blue Girl*, a FIFA reiterou seu posicionamento quanto à necessidade de mulheres poderem frequentar jogos de futebol livremente, com a quantidade de ingressos destinada a mulheres sendo definida por demanda, e não por cota preestabelecida (FIFA, 2019). Entretanto, as autoridades iranianas limitaram os ingressos destinados ao público feminino a menos de 5% da capacidade total do estádio (HUMAN RIGHTS WATCH, 2019). Ainda que a liberação seja um avanço, é uma porcentagem mínima que claramente visa cumprir uma imposição do órgão supremo dentro do âmbito futebolístico a fim de que haja controle sobre o número de mulheres nos estádios e consequentemente não prejudiquem a frequência dos homens. Caso a liberação não acontecesse, a seleção de futebol masculino poderia ser punida pela FIFA e esse fato parece ter tido maior impacto em favor do fim da proibição do que a morte de uma jovem iraniana amante do esporte em questão.

Entretanto, as estratégias das mulheres iranianas durante esse tempo não se reduziram a essa destacada no filme e tomada para análises até então. Desde o final do século XIX que o modo de vida das mulheres norte-americanas e francesas passou a influenciar mulheres do Egito, Turquia e Irã no que tange a “uma nova consciência sobre o reconhecimento dos movimentos dos direitos da mulher” e, consequentemente, na busca pelo fim de qualquer dominação sexista ou misógina (GIL, 2019, p. 5).

De maneira complexa, o feminismo sempre foi um movimento polêmico e por vezes bastante segregado, questionando a política e a não participação feminina, e os diversos problemas enfrentados pelas mulheres em sociedades referenciadas na construção masculina de comportamento. No Irã há linhas divergentes em relação aos processos que tratam das questões feministas e da emancipação feminina. De um lado estão as mulheres que buscam no Corão uma interpretação que sustente suas mudanças, mas ainda submetidas às proposições das escrituras sagradas. Do outro estão as que partem de premissas legais para alcançarem a equidade de gênero, se opondo ao governo em relação às diretrizes dos direitos humanos, ao invés do uso teológico de argumentação (GIL, 2019). Por fim, há aquelas que não se sentem contempladas pelos discursos de reformismo religioso e pelo feminismo secular, e se posicionam de maneira independente, seja ela individual ou coletiva (SADEGHI, 2010).

Levando em consideração que a proibição findou-se com ressalvas e somente no final do ano de 2019, ainda não é possível tecer análises sobre como se dará efetivamente a participação das mulheres nos estádios de futebol, uma vez que o ano de 2020 não dispôs de jogos abertos ao público em função da pandemia de COVID-19. Registramos enquanto sugestão para estudos futuros que seja analisada essa fase pós liberação no sentido de compreender seus desdobramentos frente à busca por equidade/igualdade entre homens e mulheres nesse espaço e nesse território. Não obstante, é já notória até aqui a importância dos processos políticos e movimentos sociais para qualquer forma de emancipação, inclusive a emancipação feminina, em contextos autoritários e antidemocráticos.

## Considerações finais

Os resultados elucidam os modos de resistências das mulheres diante das proibições e apontam um crescente fortalecimento de movimentos feministas que vêm possibilitando a gradativa subversão da matriz cisheteronormativa e também de discursos religiosos. Reforçam também que as lutas dentro do âmbito esportivo, grande fenômeno sociocultural, reverberam nas mais diversas instâncias em que se transcorrem as relações sociais e de gênero.

## Referências

AGUILAR, M. A. B.; GONÇALVES, J. P. Conhecendo a perspectiva pós-estruturalista: breve percurso de sua história e propostas. **Revista Conhecimento Online**, Novo Hamburgo, v. 1, p. 36-44, jan./jun. 2017.

AMNESTY INTERNATIONAL. *Iran: Shocking death of football fan who set herself on fire exposes impact of contempt for women's rights*. **Amnesty International**, Set. 2019. Disponível em: <<https://www.amnesty.org/en/latest/news/2019/09/iran-shocking-death-of-football-fan-who-set-herself-on-fire-exposes-impact-of-contempt-for-womens-rights/>>. Acesso em: 13 Abril 2021.

BARBOSA, J. P. M.; et al. (2020). Interseccionalidade e outros olhares sobre a violência contra mulheres em tempos de pandemia

pela covid-19. **SciELO em Perspectiva**. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.328>

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda., 1977.

BENTO, B. Política da diferença: feminismos e transexualidade. In: COLLING, L. (org.). **Stonewall 40+ o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, p. 79-110, 2011.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 151-198, 2000.

CASTELO BRANCO, G. Michel foucault: Filosofia e Biopolítica. Belo Horizonte: **Autêntica Editora**. Coleção Estudos Foucaultianos, 2015.

COSTA, L. M. O que é uma torcedora? notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**, Niterói, ano 2, n. 4, 2007.

DAMO, Arlei Sander. As dramatizações do gênero numa configuração futebolística. In: SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO: Práticas corporais e esportivas, 7, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, p. 1-7, 2006.

DORNELLES, P. G.; POCAHY, F. A. “Prendam suas bezerras que o meu garrote está solto!” Interseccionando gênero, sexualidade e lugar nos modos de subjetivação regionais. **Educar em Revista**. Curitiba, n. 1, p. 117-133, 2014 .

ESTRELA, F. M. et al. Pandemia da Covid 19: refletindo as vulnerabilidades a luz do gênero, raça e classe. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. v. 25, n. 9 [Acessado 31 Março 2021] , p. 3431-3436. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.14052020>>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.14052020>.

FIFA. *Statement on the visit of a FIFA delegation to Iran*. **FIFA.com**, Set. 2019. Disponível em: <<https://www.fifa.com/who-we-are/news/>>

statement-on-the-visit-of-a-fifa-delegation-to-iran >. Acesso em: 13 Abril 2021.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, v. 1, 1985.

FOUCAULT, M. **Território, segurança, população**. Tradução de Eduardo Brandão. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GIL, Rafaela Herrmann. Movimentos feministas e seu protagonismo no Irã antes e após a Revolução Islâmica. 2019. 27 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Relações Internacionais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Cláudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP**, n. 117, p. 31-38, abr./jun. 2018.

GUMBRECHT, H. U. **Pequenas crises: experiência estética nos mundos cotidianos**. In.: GUIMARÃES, Cesar; LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos Camargos (Orgs.). Comunicação e Experiência estética. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

HOLLANDA, B. B. DE. O clube como vontade e representação [recurso eletrônico] : o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988). Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História, 2008.

HOODFAR, H.; SADR, S. Irã: Políticas Islâmicas e mulheres em busca de igualdade. **Mandrágora**, v. 25, n. 1, p. 157-176, 2019.

HOOKS, B. **O feminismo é pra todo mundo: políticas arrebatadoras.** Tradução Bhuvi Libanio. 13ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 176 p, 2020.

KNIJNIK, J. (org) **Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MARRA, P. S. Impedidas: o som e a experiência da interdição em *Offside* de Jafar Panahi. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.

MOURÃO, L., et al. Educação Física, gênero e cinema: contribuições para a formação docente. **Pensar a Prática**, v. 22, 2019.

MÜLLER, L.; SILVA, A. R. A resignificação dos corpos na história recente das mulheres iranianas: poder e resistência. Dossiê Temático Estéticas e Políticas do Corpo. In: Contemporânea. **Revista de Comunicação e Cultura**, v. 16, n. 01, p. 70-89, jan-abr 2018.

NOVAIS, M. C. B. et al. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil: subversão e resistência na liderança esportiva. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, p. e27023, abr. 2021.

OBSERVATÓRIO. Torcedora de futebol que ateou fogo no próprio corpo morre no Irã. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/torcedora-de-futebol-que-ateou-fogo-no-proprio-corpo-morre-no-ira/>. Acesso em 11 de março de 2021.

ONU MULHERES. Coloque mulheres e meninas no centro dos esforços para se recuperar do COVID-19 -Declaração do Secretário-Geral da ONU, António Guterres. 2020. Disponível em: <<https://www.unwomen.org/en/news/stories/2020/4/statement-sg-put-women-and-girls-at-the-centre-of-efforts-to-recover-from-covid19>>. Acesso em: 29/03/2021.

ORTNER, S. Poder e Projetos: Reflexões sobre a agência. In: **25ª Reunião Brasileira de Antropologia**. Goiânia, jun. 2006.

O TEMPO. Momento Histórico: Depois de 38 anos, mulheres são liberadas para ir em estádio no Irã. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/superfc/depois-de-38-anos-mulheres-sao-liberadas-para-ir-em-estadio-no-ira-1.2247584>. Acesso em 03 de fevereiro de 2021.

RAGO, M. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, J. M.; GROSSI, M. P. (org.). **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Editora Mulheres, p. 21-42, 1998.

SADEGHI, F. *Bypassing Islamism and Feminism: Women's Resistance and Rebellion in Post-revolutionary Iran*. **Revue des mondes musulmans et de la Méditerranée**, v. 128, p. 209-228, Dezembro 2010.

SANTO, M. M. do E.; BALDASSO, T. O. A Revolução Iraniana: Rupturas e Continuidades na Política Externa do Irã. **Perspectiva**, v. 10, n. 18, 2017.

SANTOS, R. Por detrás do véu da mulher iraniana. **Revista Brasileira de Direito Internacional**, Curitiba, v. 6, n. 6, 2007.

SEFFNER, F. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. **Educação e Pesquisa**, v. 39, n. 1, p. 145-159, jan./mar. 2013.

TOLEDO, L. H. de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Anpocs, 1996.